

Portal Observatório de Mídia e Violência: As narrativas do sofrimento¹

Elisa Bastos Araujo²
Danielle Ramos Brasiliense³
Universidade Federal Fluminense

Resumo: Este trabalho consiste na apresentação do blog “No Beco Escuro”. É resultado de um grupo de pesquisa realizado na Universidade. O objetivo do trabalho é levantar discussões sobre o processo de produção midiática, através do confronto de opiniões e análises, com materiais como entrevistas, textos, fotografias, reportagens e outros materiais acerca do tema. A reflexão proposta suscitará um outro olhar sobre o fazer midiático, o que pode determinar, também, uma outra maneira de realizar esta produção.

Palavras-chave: Observatório; Narrativas; Mídia; Violência.

1. INTRODUÇÃO

O blog surgiu da ideia de formar um observatório da mídia brasileira, enfatizando a abordagem da construção de uma linguagem própria à representação midiática da violência. Consiste num portal de textos que contém exposição de opinião, apresentação de casos de violência midiáticos e menção a outros materiais relacionados. A relevância da sua construção para o jornalismo em geral, principalmente ao ser enquadrado na categoria Produção Editorial e Produção Transdisciplinar em Comunicação do congresso em questão, é promover uma reflexão sobre a produção sensacionalista dos meios de comunicação, especialmente na retratação de casos de violência.

Os artifícios utilizados, a exploração do imagético dramático-emocional, são algumas das ferramentas da linguagem da mídia com relação à violência. Pensar a produção midiática se faz necessário principalmente para remodelar constantemente essa produção, não manter estereótipos ou limitar a visão do público sobre o que está acontecendo. O histórico da violência é antigo, mas a sua retratação vem passando por constantes modificações desde a consolidação da “sociedade do espetáculo”. O sensacionalismo e a vitimização são armas fundamentais para a construção dessa nova linguagem.

¹Trabalho submetido ao XIX Prêmio Expocom 2012, na Categoria Produção Editorial e Produção Transdisciplinar em Comunicação, modalidade site.

²Aluno líder do grupo e estudante do 6º. Semestre do Curso Jornalismo, email: likkaraujo19@hotmail.com.

³Orientadora do trabalho. Professora do Curso Jornalismo, email: dabrasiliense@gmail.com.

Desde o sec. XIX, quando o jornalismo impresso se instalou no Brasil, a representação da violência existe. No entanto, o que acontecia na maioria dos casos eram conflitos intensificados pelo uso de álcool e pelo porte de armas. Até hoje estes são alguns agravantes da violência, mas atualmente a forma de retratá-la ultrapassa o simples relato dos fatos. A partir da 1ª Guerra Mundial e de toda a carga dramática que se observou ser mais eficaz no relato da história, o jornalismo brasileiro descobriu que as informações poderiam materializar emoções, e o jornalista passa a ter a função de enfeitar a “narrativa”. Através de fórmulas retóricas, o jornalismo descobriu demandas pelo sensacionalismo. Acompanhando esse curso, o retrato da violência passou a ser mais dramatizado, buscando despertar as afinidades e os sentimentos dos leitores.

Com o surgimento do jornalismo como empresa, a banalização da violência trouxe a modalidade espetacular de sua representação. As empresas percebem a demanda e, revestidas com as práticas e técnicas jornalísticas, buscam imagens em tempo real e da forma mais real possível. Nasce a espetacularização. O seu nascimento tem como um dos marcos históricos fundadores a criação do comando vermelho, facção criminosa que surgiu no presídio de Ilha Grande.

O Brasil passa a conviver ativamente com uma forma de violência mais brutal que a anterior e o jornalismo acompanha esses acontecimentos através da espetacularização e da vitimização. Além desta construção, existe a criação do monstruoso, quando o criminoso assume um papel sempre ruim, e todas as suas justificativas também o são. Essa visão maniqueísta foi transformada em um espetáculo banal.

A mídia utiliza o seu poder e influência normatizando esse comportamento maniqueísta. A sociedade incorpora a conclusão da vítima “boazinha” e do bandido “cruel”, “monstro”. Ester Kosovski usa em “Ética, Imprensa e Responsabilidade Social” as expressões de Cid Pacheco, “vitimidação”, e de Amaro Bezerra “a vitrine das agruras”, para caracterizar esse momento midiático. Com a atração pelo contexto anormal, acaba-se por estabelecer uma banalização do comportamento desviante, que se torna norma, e a habitualidade esvazia o impacto. Principalmente, na ética profissional do jornalista o direito de informar e até o dever limita-se com outros direitos, que devem ser respeitados. A questão fundamental torna-se, portanto, a aplicação dos limites: saber onde colocá-los.

2. OBJETIVO

O clamor pela criminalização e o apelo imagético da violência, presente tanto nos vídeos como nas fotos dos impressos, se constituem como um verdadeiro “pão e circo” moderno. Nessa construção, a audiência (o interesse do público) e o lucro são colocados acima do interesse público (o que, de fato, é mais relevante a todos, ou à maioria). As histórias de violência, por si só, já carregam a sua carga dramática, cada uma com a sua especificidade mais ou menos cruel. A obrigação do jornalista é retratar a violência, ou seja, trazer a notícia, a informação, sem que haja a necessidade de artifícios textuais ou audiovisuais apelativos às emoções do público.

Uma reflexão se faz ainda mais pungente: colocar essas imagens à disposição do público de forma dramatizada é repetir situações reais, é informar, ou incitar a violência pela reprodução? O jornalista deve saber se posicionar quando vai perpetuar essa visão. Por conta disso, a proposta é que o blog traga textos em geral que elucidem esses questionamentos. Posteriormente, a equipe montará um site aprofundando o monitoramento da atuação da mídia no retrato da violência para que o jornalista exercite a sua capacidade de relativizar seus atos diante de cada situação específica ainda mais.

O próprio Código de Ética dos jornalistas é ambíguo. O jornalista não deve “usar o jornalismo para incitar a violência, a intolerância, o arbítrio e o crime”. Por outro lado, é dever dele “divulgar os fatos e as informações de interesse público”. Por mais que a reprodução de casos de violência seja uma forma de mostrar à sociedade eventos que não são isolados e que, portanto, merecem atenção, a banalização de atos desviantes os transforma em caso normal e corriqueiro. Como uma necessidade, o blog de observatório mídia e violência não surge para incutir respostas objetivas, mas sim para suscitar reflexões acerca do tema.

Acreditamos que essa reflexão só será possível através de um estudo profundo sobre o tema, com análises múltiplas e eternos questionamentos. O fazer midiático só se transforma em prática através do seu próprio ato de fazer. Portanto, o seu aprendizado é contínuo, porque só se aprende fazendo. Não estamos lidando com uma ciência exata, repleta de fórmulas, como se propõe a fazer. Nem sempre um zoom com a câmera em alguém que chora, por exemplo, fará o espectador se sensibilizar ainda mais. Nem sempre tudo isso trará mais audiência. Em tempos de constante mudança tecnológica, é necessária uma observação sobre um processo de realização que se constrói interpelado por subjetivações, parcialidades, sensibilidades. Afinal, a mídia é feita por pessoas. Mas pensá-

la também ajuda a mudá-la, e esta também é uma proposta deste blog. Através da análise de outras realizações, pensaremos em como fazer a mídia, ou em como se propor a fazê-la.

3. JUSTIFICATIVA

Existe uma normatização do discurso midiático, instituído como uma voz de verdade absoluta. “Saiu na Televisão, aconteceu de verdade”, é o que muitas pessoas dizem. A observação constantemente ativa da construção da linguagem midiática é uma atividade cada vez mais necessária para uma formação de consciência e de um público mais independente dos julgamentos dos “formadores de opinião”.

A proposta do blog é ponderar questões que possam resultar em múltiplos posicionamentos não definitivos. Acreditamos que a problemática da mídia sempre existirá porque, conforme já colocado, a produção midiática é uma atividade subjetiva repleta de parcialidades. No entanto, o principal cerne dessas considerações é abrir possibilidades de diversas interpretações para além daquelas que nos são imputadas pelos meios de comunicação. A consequência da atividade sensacionalista que ocorre até então é um esvaziamento dos questionamentos sobre a sociedade em geral, não só sobre a mídia. A ideia é buscar outras ideias sobre um mesmo tema ou sobre uma mesma realidade. A coletânea de outros textos sobre o tema reflete a necessidade de muitas versões sobre essa reflexão.

A importância dessa abordagem está na descoberta individual de que há uma fórmula de retratação embutida e que esta não deveria existir. Isto principalmente porque cada história possui uma peculiaridade, uma forma própria em seu acontecimento, que não deve ser regida pela construção de uma linguagem na sua retratação. Essa ideia por si só já é muito mais cruel do que o próprio ato de violência, já que engloba o sentimento humano em uma condição banalizada, impessoal, igual a todos os outros.

Toda essa reflexão é primordial à atividade jornalística, enquanto exercício de relativização, de reconhecer no fato mais do que apenas um fato, mas algo que está ligado ao ser humano. Além disso, a regência das palavras e das imagens na representação é uma parcialidade inerente à mediação do jornalista, e isso precisa ser constantemente lembrado a estes profissionais.

4. MÉTODOS E TÉCNICAS UTILIZADOS

O blog é resultado de um período de pesquisa que culminou em diversas classificações das narrativas do sofrimento em geral. Foram utilizadas como referência análises de estudiosos do assunto, encontradas na internet, bem como textos obtidos com a orientação de um grupo de estudos formado na Universidade. Além disso, filmes, entrevistas e reportagens foram estudados para realização de análises. O grupo, porém, não se mobilizou extensivamente à elaboração do projeto do blog.

Houve a criação de um projeto para a montagem de um laboratório de Mídia e Violência na Universidade que, até o momento, ainda não se concretizou. Este seria um espaço voltado às atividades relacionadas ao tema, com locais reservados a formação do banco de dados físico do projeto. Os arquivos obtidos para os estudos não foram disponibilizados pela Instituição, o que incentivou a iniciativa particular à busca desses materiais. Além disso, é necessário haver uma ação conjunta com outras universidades, que está sendo buscada, para a disponibilização dos materiais relacionados ao tema com maior facilidade. Todos os textos acadêmicos conseguidos, por exemplo, são aqueles que os autores autorizaram a visualização pública na internet. Uma parceria com faculdades poderia reunir estes textos, o que facilitaria, inclusive, posteriores realizações de outros trabalhos.

Existe uma ação em conjunto com a rede social Twitter (<http://twitter.com/#!/nobecoescuro>), que auxilia na divulgação dos textos expostos no blog. Futuramente, será formado, com a proposta do site, um Banco de Dados, desenvolvido com trabalhos encontrados através da pesquisa. Além da citação já existente no blog, serão citados no site livros que elucidem essa questão. Estes livros estão disponíveis apenas como bibliografia e, portanto, não serão ofertados textos de seu conteúdo. O blog se dispõe a incluir a divulgação de eventos relacionados e se propõe a, futuramente, dentro de suas possibilidades, promovê-los.

É parte integrante do conteúdo do blog a exposição da visão central dos grandes meios de comunicação sobre os casos de violência, traçando um paralelo entre eles. Casos de violência acontecem todos os dias, o que os faz ganhar relevância e atingir os meios de comunicação é um dos pontos a ser discutido por toda a reflexão acerca do discurso midiático.

A partir de todos esses levantamentos, são apresentados os grandes casos de circulação nacional, bem como citação de reportagens. O blog proporciona um aprofundamento dessas análises, apresentando links de seus arquivos, com o uso de

fotografia, além da análise de reportagens dos casos de grande circulação através de artigos de opinião. A proposta posterior da criação do site se prepara para complementar este circuito, com a disponibilização de arquivos para download, que contribuirão para a reflexão do tema.

Faz parte do projeto a análises de filmes, a apresentação de entrevistas com estudiosos do tema ou com personalidades que se destaquem na área, a divulgação de vídeos e pesquisas, áudio, fotos, outros sites e blogs, bem como vídeos de entrevistas realizadas ou não pela equipe. Além destas ações, o blog também dispõe de links de instituições de pesquisa, nacionais e internacionais, ONGs e outros sites relacionados.

Além disso, existe uma proposta de um fórum de debate, onde serão promovidas discussões sobre a eficácia das ações governamentais contra a violência, da apresentação de casos e opiniões, inclusive com propostas de temas a serem abordados. Por fim, o blog incluirá a apresentação de estatísticas de violência, a evolução ao longo dos anos, destacando dados relevantes e sites de estatística relacionados.

5. DESCRIÇÃO DO PRODUTO OU PROCESSO

O estudo realizado para este trabalho foi bastante significativo para a acepção do jornalismo. Isto porque, mais do que um simples estudo semiótico, houve a conclusão de que existem múltiplas possibilidades e muitas significações delas decorrentes. Estudar jornalismo não é lidar com fórmulas retóricas, como se fazia em anos passados, nem, tampouco, normatizar a imagem e a técnica, como, em alguns casos, se faz nos dias de hoje. O estudo do jornalismo é eterno e constante, pois dele depende uma grande responsabilidade com muitas consequências.

Sobre as narrativas da violência, foram observadas certas características presentes na constituição de voz de verdade midiática, que estabelecem sua estruturação. São elas a apologia ao crime e à criminalidade, a vitimização e a noção de justiça/injustiça englobando a crise da política.

Todas essas características geram, também, uma crise da estrutura social e uma fragilidade do indivíduo, afetadas pelos fluxos globais midiáticos e financeiros. Atualmente, especialmente no Brasil, é o crime que chama à luta, à reivindicação por mudanças constitucionais, por exemplo. Antigamente a luta se articulava para mudar o sistema. As figuras midiáticas conquistam a credibilidade sob a justificativa velada de responderem

pelos interesses sociais. Um importante determinante dessa situação é a superexposição da privacidade da vítima e de sua família, ocultada pela justificativa cristã de evitar que o que lhe aconteceu possa acontecer ao outro, numa espécie de ritual de superação em que a exposição se faz necessária. Há, portanto, uma redefinição do público-privado. Isso se deve, também, à constituição da sociedade do espetáculo.

A conclusão a que se pode chegar diante de todos os estudos realizados é que a violência midiaticizada perpassa classificações, inclusive na construção da sua linguagem. Para que esse processo seja detalhado, é necessário que se faça um estudo dessas narrativas. Dentre as formas de violência, pudemos observar peculiaridades na retratação.

A violência infantil, por exemplo, é a modalidade apresentada pelos meios de comunicação como a mais cruel, pois a criança é vista como o ser humano mais digno de atingir a felicidade. Em seguida, temos a violência contra a mulher, o sexo frágil, aquela que é socialmente desprotegida. A violência psicológica (o bullying, por exemplo), bem como o racismo ou a intolerância (que podem ser emoldurados somente como violência psicológica/discriminação, ou podem chegar às vias da agressão física), se enquadram nos aspectos do fator de risco, já que o agredido pode, um dia, virar agressor. Esse passa a ser um dos maiores impedimentos para que a agressão se consuma. Por fim, a violência urbana, forma mais banalizada, aquela que os meios apontam cotidianamente e que se torna tão corriqueira a ponto de não causar qualquer espanto.

A vítima é sempre digna de piedade, enquanto o agressor é execrado sem que lhe haja a possibilidade de retratação. Isso, no entanto, não se aplica a casos de legítima defesa, quando a vítima possui a oportunidade de se tornar o agressor. Essa é uma violência justificada e, de certo modo, aceita. Os linchamentos de bandidos, por exemplo, não são tão mal vistos socialmente. Esse processo de observação se deu em decorrência das diversas pesquisas realizadas para o blog. A sua consumação, portanto, se dá a partir desse conjunto de observações encontradas.

6. CONSIDERAÇÕES

Como já afirmado, a produção midiática é um processo de intensa responsabilidade e que não se encerra no fechamento do jornal. Lida-se com palavras, entonações, ênfases gestuais e tantos outros processos que não são conclusivos. A cognição do público não deve ser explorada por uma única via. Devem ser consideradas as múltiplas interpretações e não

conduzir a produção através de fórmulas imagéticas, com posicionamento de câmera ou matérias previsíveis.

O projeto do blog visa, portanto, encadear essas diversas possibilidades, confrontando ideias e produzindo um constante pensar sobre a mídia. Como toda escola de jornalismo ensina, um bom profissional deve saber relativizar as palavras, confrontar ideias, versões e ações, sempre compreendendo a influência que pode exercer sobre as pessoas. No entanto, este não é um blog produzido unicamente para profissionais da comunicação. A proposta apresentada possibilita uma dinâmica entre indivíduos que não possuem o menor entendimento do assunto. Seja para rever os casos de violência, seja com intuito de obter uma informação geral, indiretamente o leitor poderá, também, relativizar. E, enfim, compreender que para todas as histórias contadas existem muitos lados.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, José Cláudio Souza. *Assassinos no poder*. In: Revista de História da Biblioteca Nacional. Nº 25, outubro de 2007.

ANITUA, Gabriel Ignacio. *Histórias dos pensamentos criminológicos*. Tradução: Sérgio Lamarão. Rio de Janeiro: Revan: Instituto Carioca de Criminologia, 2008.

BATISTA, Nilo. *Mídia e sistema penal no capitalismo tardio*. In: Discursos Sediciosos – crime, direito e sociedade. Rio de Janeiro: Revan: Instituto Carioca de Criminologia, 2002. P. 277-289.

BRASILIANSE, Danielle Ramos. *Tessituras Narrativas de O Globo e o acontecimento “Chacina da Candelária”*. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2006. Dissertação de Mestrado. Disponível em: http://serv01.informacao.andi.org.br/b6d71ce_114f59a64cd_-7fab.pdf.

CHAUÍ, Marilena. *Ensaio: Ética e Violência, Colóquio e Interloquções*. Londrina, 1998. Disponível em: <http://www2.fpa.org.br/o-que-fazemos/editora/teoria-e-debate/edicoes-anteriores/ensaio-etica-e-violencia>.

FEDERAÇÃO NACIONAL DOS JORNALISTAS. *Código de Ética do Jornalista Brasileiro*. Disponível em:
http://www.fenaj.org.br/federacao/cometica/codigo_de_etica_dos_jornalistas_brasileiros.pdf.

KOSOVSKI, Ester. *Ética, Imprensa e Responsabilidade Social*. In: *Ética na Comunicação*. organizadora, Ester Kosovski. Rio de Janeiro: Mauad, 1995.

LAGE, Lana, MIRANDA, Ana Paula. *Da polícia do rei à polícia do cidadão*. In: *Revista de História da Biblioteca Nacional*. Nº 25, outubro de 2007.

MARCONDES, Danilo. *Textos Básicos da Ética*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.

MARTINS, Valter. *A escola do sol quadrado*. In: *Revista de História da Biblioteca Nacional*. Nº 25, outubro de 2007.

MATTOS, Romulo da Costa. *“Aldeias do mal”*. In: *Revista de História da Biblioteca Nacional*. Nº 25, outubro de 2007.

MIRAGLIA, Paula. *Juventude ferida*. In: *Revista de História da Biblioteca Nacional*. Nº 25, outubro de 2007.

PARENTE, Temis Gomes. *Eva ‘mulher de vida livre’*. In: *Revista de História da Biblioteca Nacional*. Nº 25, outubro de 2007.

SANTOS, Myrian Sepúlveda. *Caldeirão do Inferno*. In: *Revista de História da Biblioteca Nacional*. Nº 25, outubro de 2007.

VELLASCO, Ivan de Andrade. *Duas Vezes de Fogo*. In: *Revista de História da Biblioteca Nacional*. Nº 25, outubro de 2007.



Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
XIX Prêmio Expocom 2012 – Exposição da Pesquisa Experimental em Comunicação

ZALUAR, Alba. *Cidade de Deus e condomínio do mal*. In: Revista de História da Biblioteca Nacional. Nº 25, outubro de 2007.